

## **Miguel Rovisco: *Poemas de Prazer Masculino*, uma questão de gênero e vivência ficcional**

Deixou-nos, com apenas 27 anos, uma obra dramática consistente que, nos últimos tempos, parece começar a ser reconhecida. Deixou-nos...

Referimo-nos a Miguel Rovisco, jovem revelação da cena portuguesa na década de oitenta do século passado que, em 1987, numa primeira acepção nos deixa, suicidando-se, justamente quando parecia começar a ganhar a notoriedade que buscava com sua literatura. Na segunda acepção, deixa-nos a obra, cuja qualidade se pode entrever pelas láureas conseguidas. Em 1986, recebeu o Prêmio Nacional do Teatro – Prêmio Garrett - com *Trilogia Portuguesa*; em 1987, postumamente, mais dois Prêmios Garrett, um de Melhor Peça para a Infância e Juventude, com *A História de Tobias* e outro de Melhor Peça Inédita com *Retrato de Uma Família Portuguesa*.

Sempre em busca da essência e do itinerário de sua raça e de si próprio, Rovisco, além das peças teatrais<sup>1</sup> e um guião para uma série televisiva<sup>2</sup>, escreveu cartas, textos metalinguísticos - em que procura traduzir a si e a seu processo criativo -, literatura infantil - dedicada ao sobrinho - e textos líricos reunidos sob o título de *Romance de Poesia*.

O objetivo deste artigo é apresentar a poesia de Miguel Rovisco, seu lirismo, visão e vivência interiores, sua ficção, sua imaginação, sua ações poético-imaginárias que ultrapassam e, ao mesmo tempo, tocam a questão do gênero: em seus poemas viveu tudo e de tudo. Teria vivido, ou tido tempo de viver a realidade?

O conjunto de poemas é constituído por oito cadernos independentes, inclusive em suas respectivas subdivisões, os quais, conforme adverte e intitula o próprio autor, formam um único conjunto de textos, um romance, assim, <<... se forem editados os

---

<sup>1</sup> O acervo dramático do autor constitui-se de dezoito peças localizadas e duas que se perderam, entretanto foram comentadas pelo escritor em outros textos de sua autoria. Todas foram comentadas, classificadas e apresentadas em nossa dissertação de mestrado: *Miguel Rovisco: biobibliografia* (Universidade de São Paulo, Brasil: 2002)

<sup>2</sup> *Cobardias* é o nome da série em treze capítulos, rodada com o autor vivo (atira-se sob um comboio em 3 de outubro de 1987), todavia apresentada em janeiro 1988.

poemas, deve-se levar em conta que formam uma ‘obra única.<sup>3</sup>>>. É importante notar que muitos desses poemas parecem, numa leitura menos atenta, textos em prosa dispostos em versos e epígrafes, dadas a coloquialidade, a intimidade e a simplicidade de um estilo que expressa um diálogo, cujo emissor e receptor é sempre o mesmo Miguel Rovisco, ou mais, o Nuno ou o Nuninho, como era chamado na intimidade dos amigos e da família Nuno Miguel de Rovisco Garcia Pedroso.

O **Caderno Um** é constituído por duas partes. A primeira, *As Palavras Divertidas*, escrita em 1987, onde, em consonância com o título, lemos um Rovisco a brincar com as palavras, com a sonoridade e concretude do signo verbal, procurando extrair de significantes novos significados. O autor utiliza os mesmos procedimentos em alguns cadernos de literatura infantil. A segunda parte, *Histórias da Crueldade Sorridente e Outras*, reúne poemas escritos em 1986 e contém pequenas narrativas, algumas com rubricas, a assinalar sua tendência ao teatro.

O **Caderno Dois**, também, constitui-se de duas partes. A primeira, *Vinte e Cinco Poemas de Amizade (Mais Cinco Tardios)* com poemas narrativos datados de 1986, onde o poeta está a tratar de situações comuns com pessoas amigas. A segunda parte, também escrita em 1986, recebeu o título *Vinte e Cinco Poemas de Amor* e é quase que um diário, o poeta volta-se para si mesmo, a falar de sensações e sentimentos.

No **Caderno Três**, primeira parte, intitulada *Quaresma*, fala, essencialmente, de pecado e castidade em poemas de 1984. Na segunda parte, *História de Santa Iria* de 1986, Rovisco retoma a mesma temática do título anterior, agora em forma dramática, com personagens: o narrador, uma mulher, um monge e uma religiosa, mas sem rubricas e mesmo indicação dos diálogos.

O **Caderno Quatro** intitula-se *Poemas do Trivial*, datado de 1986, compõe-se de textos memorialistas: sem saudade de uma infância em que não foi feliz, fala de sua adolescência, da família, da vida comum de uma pessoa insatisfeita e, assim, vai transformando a memória de pormenores, detalhes do cotidiano, em versos.

---

<sup>3</sup> Miguel ROVISCO, *Romance de Poesia*, introdução.

Ao **Caderno Cinco** Miguel Rovisco deu os títulos: *Alguns Encantadores (Primeira Parte)*, que contém poemas de 1986 sobre pintores famosos, europeus e americanos, e *Alguns Encantadores (Segunda Parte)*, com poemas escritos em 1987 sobre escritores, músicos, teatro, ópera, arte e artistas em geral, a demonstrar sua erudição.

O **Caderno Seis** reúne os **Poemas Soltos**, com textos de 1984, 1985, 1986 e 1987. Como sugere o título, aborda vários assuntos, caminha dos temas sociais aos existenciais.

No **Caderno Sete**, foco principal deste artigo, reúne os *Poemas de Prazer Masculino*, com textos escritos em 1986 e 1987. Nesse caderno, põe-se a revelar suas possíveis tendências homossexuais, descreve com detalhes suas relações amorosas.

O **Caderno Oito** compõe-se de três partes. À primeira, *Carlos Maria*, não tivemos acesso, contém poemas escritos em 1987 (A mãe de Miguel Rovisco, Dona Maria José, não possui o caderno e diz não conhecer, nem ter conhecido alguém com tal nome). Na segunda parte, *Seis Retratos*, de 1987, escreve, para homenagear seis amigos. Na terceira, *Nuno Miguel*, escrita em 1987, confessa claramente a intenção do suicídio; em alguns poemas, o autor desdobra-se e, consciente de sua morte, assiste-se atuar quando era vivo, revê suas coisas e lugares preferidos.

Apresentado o conteúdo geral dos cadernos que constituem sua obra lírica, trabalharemos o texto poético rovisquiano especialmente com poemas dos cadernos sete e oito, onde o autor a/representa sua homossexualidade, mesclados por outros textos em que confessa seus relacionamentos.

Pode-se sentir a solidão, a dificuldade de relacionar-se plenamente com os outros: amigos, familiares, mulheres e homens. Em seu projeto literário, Rovisco parece viver a ficção de tudo: amizades fortes, superficiais, ama mulheres, homens, namora as que ama e as que não ama, tem noivas, é estéril, chega a engravidar uma delas, até se casa.

Assim vejamos como representa **o amor**:

<<O amor, mais do que ama odeia, o amor é terrível – ou pode vir a sê-lo.>>

(in *Cobardias*)

<<Isto nada tem de novo verdadeiramente:  
estes suspiros olheirentos, estas insónias mal assoadas,  
a tampa da caneta roída pelos nervos  
e eu roído de saudades,  
a falta de apetite como herói camiliano, os golinhos  
de álcool,  
uns copitos a mais  
e mais a terceira garrafa – venha ela ! - ,  
os soluços desprezados do pobre de mim,  
os beijos ao travesseiro  
e estes colarinhos sujos com a barba de há uma semana...  
Tudo isto é muito repetido:  
também já houve quem me amasse, coitada ! , e eu nunca a amei.>>

*(in Poemas do Trivial)*

<<Eu sorrio satisfeito sem que tu saibas porquê.  
Perguntas-me, mas eu não te respondo.  
Aquele moço roliça, que abana o cu colossal,  
estás a vê-la ? Sem que o possas adivinhar  
já te traí com ela:  
O meu sorriso aumenta-se no rosto: quanto mais não seja  
em pensamento... mas não, falo a sério, trair a sério:  
as cuequinhas eram de renda azul, lembro-me bem.  
Que prazer em dar-te o braço  
sabendo-te enganada e resignada. Beijo-te a testa  
com um sorriso ainda mais vasto,  
a mão afagando-te ao de leve a mama esquerda:  
és minha propriedade segundo a doutrina da Igreja (não

refiles, será assim. Tu nunca refilas!)

Mudo a beata chupada para o canto oposto da boca.

Escarro.

Na tua cestinha primaveril, o rádio ligado lança para os ares

uma cançoneta latino-americana

a favor da pancadaria conjugal. Ótimo:

“Porque te ris? Hem, porque te estás a rir?” Não te ligo,

é domingo

e hoje amo-te muito.

[...]

E de repente eu sinto pena:

Tu, tão frágil!

Tu, tão submissa: Tu, tão mulher!

Já não sorrio, vês? Segredo-te ao ouvido:

“Vamos para casa que quero montar-te.” Alarmada

pela satisfação, baixas um pouco as pálpebras

- reparo como és bela: submetes-te!

[...]

Sáímos do jardim apressando o passo e já te vais roçando

pela minha perna,

mas eu sempre variável

antes de percorrer meia rua arrependo-me da minha fraqueza.

Chego a olhar para ti com certo nojo

mal disfarçado: esposa: “Olha, vai tu andando

que vou primeiro ali beber um copo. Até logo.

Obedeces à minha ordem, claro... – se me obedeces sempre

porque hei-de eu lamentar-te ?

Aliás, tenho a certeza de que és feliz.

Regresso ao jardim

- na boca um assobio saltitante – à caça do tal  
cu-lossal ,  
sentindo-me bem comigo, com o Pires, com a esposa  
e com isto de haver um sentido universal a favor do sexo  
com tomates.

*TÍTULO DA POESIA ACIMA: <<Imaginaí Pares de Pequenos Burgueses em  
Passeio pelo Jardim da Estrela numa Tarde Soalheira de Domingo”.>>*

*(in Poemas do Trivial)*

Expressa em ficção seu desejo e rejeição, sente nojo do contato feminino. A mulher que ele não ama é frágil, é “tão mulher”, é a esposa que não quer ter, pois representa a vida medíocre das pessoas comuns. Atente-se ao título que o autor coloca no final, abaixo do poema.

A mulher que ele ama(ou) é idealizada, surge do ato de escrever, brota em suas páginas, ela tão ideal e ele tão reles, tão real. Miguel Rovisco vive, assim, seus melhores momentos na literatura que produz.

<<...E tu a quem amei ? Por onde andas? (Antigamente  
ao escrever o teu nome brotava-me da palma da mão uma palmeira

- por isso em qualquer página eras um oásis.)

[...]

Só gostaria de imaginar

o sabor da sua saliva!

Comigo o teu futuro, eis-nos de acordo, não seria dos mais  
risonhos: o tal que muda de cuecas apenas de dez em dez dias

- eu -

e que evita lavagens freqüentes à sua jibóia pois, segundo os  
ensinamentos dos mestres árabes, a muita limpeza da dita  
provoca a impotência. Quanto à saliva aqui-do-vagabundo,

aquele sabor invariavelmente a anchovas. Agora porquê ?

Grandessíssimo aborrecimento, repito!...>>

*(in Poemas do Trivial)*

<<De manhã a minha amada

vestida de

sabonete

salpica-me a cara de beijos,

qual

chuveiro,

que se enxugam

na gravata

de cor (in)feliz.

A risca do seu cabelo

de novo arrisca

mudar de

sentido.

Mas tudo lhe fica bem, mulher querida!

até os sapatos um pouco cambados

nela são

elegância de burguesa !

(Este bem-estar

do

nosso

matrimónio, assim.)>>

*(in Poemas do Trivial)*

<<Daqui há dois anos vocês cheias de crianças e os meus  
olhos a adivinharem quais delas poderiam ter sido minhas: como

lhês cortaria as franjas, como elas se pareceriam comigo ou com o pai...Os meus olhos como dois sustos para a minha esterilidade>>

*(in Cobardias)*

Em ficção, repetimos, Rovisco domina o tempo e pode viver de tudo nesse seu pouco tempo de vida: amor sublimado, amor carnal, sexo puro e inclusive o homossexualismo.

<<PRIAPO

Afago o membro teu, sobre os ovos robustos em repouso  
ainda. O afago

e beijo.

Já o arco das narinas se dilata – ei-las trémulas –

enquanto um suor que escalda me lustra a testa, ao teu umbigo  
junta.

Sussurram os lábios – não hei-de falar-vos do gozo na ponta  
da língua –

mil carícias:

“Desperta, amigo meu! Pombo de cabeça equilibrada, ergue-te do ninho  
num repelar da pelugem negra.

Que as minhas mãos em folha te conheçam o peso; que pelo céu  
da minha boca

te libertem depois – oh, por mim tu voes !”

As pálpebras de mansinho agora se desmaiam. Sobe  
e desce

a maçã de adão pelo pescoço... – e o meu umbigo,  
que já aos teus calcanhares se sujeita.>>

*(in Poemas de Prazer Masculino)*



<<Rapaz das sobrancelhas ternas, porque me provocas ?

Assim passo noites sem dormir, com sonhos de ti  
pelos lençóis manchados

que de seguida beijo e temo,

e já a minha noiva me acusa de distraído – ontem

a tarde inteira a seu lado, sem um dedo de carícia :

Rapaz das pestanas longas, porque me cegas ? Embora eu veja

esse sorriso que me convida aos cantos

escuros,

onde a serradura e um odor a mijo – isso –

embaciam o ar.

Não sejas tal para mim, ó adorável rapaz: Não me provo-

ques com os teus ombros, ai :

nem me distraias com o mamilo breve

pela camisa

entreaberta. Meu novo amor, minha pequena luz, deixa-

me amar-te no silêncio sem escândalos – e com os seus

prazeres, no entanto – de um simples trabalhador

da grande cidade,

que está noivo e mal ganha para o sustento dos seus planos.

(Cheguei a espiar

os teus passos

e a lamber positivamente – imaginas-me de gatas ? –

o muro cicatrizado contra o qual te despejaste. Eu nunca fui assim

dantes !)

Rapaz das muitas delícias... ai, a que desgraçado

me reduziste! Amo-te, amo-te e seguir-te-ei e farei

tudo quanto me obrigares. O meu corpo viverá

para a felicidade

e se a felicidade pede o teu deslumbramento, seja :

Dá-me a mão: além ou num beco entre caixotes,  
o paraíso interdito, oh :... – se nos aguarda?>>

*(in Poemas de Prazer Masculino)*

<<Marco afirma possuir vinte e cinco anos. Embora eu compreenda  
que se trata de uma metáfora por palavras homófonas

- além de bicha como tu,  
eu sou muito culto, ó Marco ! - , não posso acreditar  
na modéstia do seu ânus.>>

*(in Poemas de Prazer Masculino)*

<<Eu não preciso de atravessar o rio Lete para esquecer  
os erros da minha vida e as suas poucas virtudes.

Nas margens de qualquer rio, qualquer membro viril – o preço  
a combinar –

oferece à minha imperfeição o mesmo esquecimento  
com outra travessia.>>

*(in Poemas de Prazer Masculino)*

<<Deixaste-me pelo corpo a marca da tua maravilha.

Porque foste o primeiro,  
recordo um primeiro fio de sangue: ardia.

Hoje os outros nada mais fazem que repetir-te  
sem dor. Mas é tua a tatuagem.>>

*(in Poemas de Prazer Masculino)*

O autor descreve detalhes íntimos da experiência homossexual, desde os mais sublimes detalhes até os aparentemente mais grosseiros e sórdidos. Teria tido tempo para viver isso na realidade? Rovisco parece conter tudo em latência, faz-se pleno e atualiza-se na escritura.

No poema seguinte, podemos ler a confissão de que tudo pode ser ficção. Seu relacionamento é consigo mesmo, acontece à noite na solidão de seu quarto e o poeta desdobra-se:

<<É sempre noite quando me penetram, pois imagino-me sempre esse

Que por mim dentro avança e recua, avança e logo – ei-lo.

“sou-me ele”.<sup>4</sup>, assim grosso e cego, pela minha escuridão aberta.

O meu prazer

vem do prazer que nesse adivinho, envolto em ardores

e em fezes do outro,

que por um mero acaso calhou ser eu.

Sinto a dor breve do pêlo repuxado e o delírio. Mais. Ui : Agora

um silêncio suado.

Ainda um pouco te demoras no meu âmago, ó noite volumosa!>>

*(in Poemas de Prazer Masculino)*

#### <<O PÊNIS NEGRO

Serpente negra, tu seduzes-me ora em repouso ora de cabeça erguida.

Belo animal de pele lustrosa, por onde o sangue e o veneno

adivinha-se que palpitam.

Estendida a mão, logo avanças; a minha boca abeirando-se,

logo me preenches, inundas.

Ardente arrepio em generosidade.

Tu, todo. Tu, toda. Oh ! E mais ainda.

Lascivo encantador da serpente africana – como te engrossas ! -

tu me seduzes,

tu me submetes,

tu me encantaste.

---

<sup>4</sup> O grifo é do autor.

Feliz aquele que como eu provou na língua o teu veneno !>>

(in *Poemas de Prazer Masculino*)

**Mário Viegas**, um dos mais famosos atores, encenadores portugueses e figura pública da cena cultural e política lusitana da segunda metade do século XX, foi certamente, dentre os contemporâneos, a pessoa que mais conviveu, trocou experiências e talvez tenha conhecido Miguel Rovisco e sua obra. Foi ele quem trouxe o dramaturgo aos palcos, com a encenação do único espetáculo seu a que o autor teve o ensejo de assistir. Viegas morreu em 1996 em posse do acervo, vasta documentação e cartas que o autor lhe escreveu.

O ator colecionou sua memórias num grande livro, artesanalmente confeccionado, a que denominou: *(António) Mário Viegas – Auto-Photo Biografia (não autorizada)*, com *revelações sensacionais!!* e *segredos político-teatrais nunca divulgados!!!* São mais de duzentas páginas em papel A3 com textos e fotografias inéditas, das quais dedica dezesseis a Miguel Rovisco. Em suas palavras:

<< Estas cartas contam tudo e são completamente inéditas e geniais. Morreu aliás, com uma carta para mim no bolso. Foi uma paixão. É um **CRIME** não se publicar a sua obra. Um dos maiores choques que sofri até hoje.>> (anotação à margem de uma carta de Rovisco a Viegas, datada de 21 de julho de 1986).

À margem de carta de 15 de dezembro de 1986, escreve: <<Penso que o Rovisco se apaixonou por mim. Não tenho a menor prova que fosse homossexual.>>

Todas as pessoas que conheceram o escritor são unânimes em dizer que ele tinha mania de falar de si mesmo, talvez, índice de seu neurotizante individualismo, de sua imensa dificuldade de relacionamento e necessidade de desvendar-se, desdobrar-se em níveis existenciais, ou seja, a vida real de Nuno Miguel (filho, tio, irmão, funcionário...), a do poeta e a do dramaturgo Miguel Rovisco. Seria o ser humano que assume e acaba por assimilar, em atitudes dramáticas, a personagem de escritor/ poeta? O autor a criar suas personagens, suas máscaras, suas *personas*.

Rovisco era o centro de seu próprio universo. Ao ler suas anotações pessoais, sua dramaturgia e seus poemas, pode-se perceber que sempre tem a si próprio como referencial: seus instintos, suas sensações, seus sentimentos, suas opiniões, suas recordações, suas aspirações, suas definições, tudo o que lhe diz respeito. Nas peças, podemos senti-lo diluído em suas personagens; nas adaptações e transcrições<sup>5</sup>, por menos que modifique os enredos, podemos sempre notar a prevalência de sua leitura. Nas cartas e bilhetes, obviamente, escreve de si. Enfim, sua escritura (e essencial ação) traduz Miguel Rovisco mais nitidamente que suas próprias ações.

A concluir este artigo que pretendeu dar a conhecer a obra poética de Miguel Rovisco, bem como sua necessidade de, pessoalmente, viver ficcionalmente todas as possibilidades, transcrevemos o poema dedicado a Natália Correia:

**“À Natália Correia, com afecto**

Num bar ali à Graça. Pequeno, umas onze

mesas – se tanto –

e nós seríamos talvez uns vinte.

A meio da minha gravata, o limão no copo de gin era

o colorido mais alegre daquele grupo de amigos: a sua casca

em arco

ainda me lembra na verdade um sorriso. (A franqueza disso.) A-

lém da minha gravata, muitas outras – e mesmo o laço

de um deputado comunista,

azul com estrelas miudinhas, grande admirador

da prosa de Pascoais: logo alguém afirmou

que deveria ser proibido escrever

---

<sup>5</sup> **Transcrições** (nomenclatura que utilizamos em nossa dissertação de mestrado) são as peças em que, “abusando” da liberdade que o ofício lhe confere, o autor acaba por criar um processo intertextual, ou seja, parte de um paradigma, entretanto vai muito além da adaptação e mesmo da recriação, uma vez que modifica características das personagens e, conseqüentemente, as ações. Assim, o texto de chegada tem enredo diferente do texto de partida e, para se entender a releitura do autor, as supressões, as inversões, ao cabo, as modificações ou transformações, obviamente, tem-se que conhecer o texto original. O próprio Miguel Rovisco, em algumas peças, nos previne de suas intenções nos títulos e subtítulos dos textos.

tão bem. (Uma voz na escuridão de  
um candeeiro decadente, vista como ponta  
de cigarro  
ao rubro.) A dona do bar  
triunfava na noite completa do seu vestido – mais noite  
que negro - ,  
com os braços nus, os seus belíssimos braços nus... oh !,  
confessando-se  
uma sentimental sem remédio. (Pausa. Aplausos.)  
De boquilha, ágil  
e um dedo gorducho em brincadeira com o gelo te-  
lincante do terceiro uísqui, Natália  
recitou divinamente o filho dilecto das solidões  
das suas ilhas,  
revelando com gosto – aqui as suas pestanas ocupavam espaço  
tornando-se necessário  
desviarmo-nos  
para que elas batessem apressadas – a secreta  
homossexualidade, sim,  
era assim mesmo,  
houvera quem lho segredasse, do grande sonetista açoreano.  
(Lá fora  
nas ruas,  
uma sexta-feira em vésperas de eleições –e o fundador  
de um partido de direita juntamente com o laço de estrelas  
miudinhas  
começaram em apostas sobre as percentagens de votos!  
entendiam-se,  
amavam-se,

afectuosamente “tu”.) As horas passaram assim,  
foram-se as horas passando ! Até que  
se ergueu um coro de vozes portuguesas ao som da guitarra  
em baladas de saudades... ai saudades... eram tantas  
as saudades! E novamente  
a voz escura afirmou – se vinha a propósito ? –  
como era triste viver no tempo do fascismo em Portugal.>>

(in *Poemas do Trivial*)

Miguel Rovisco, que parece ter lido e escrito desde sempre, na infância e mais na adolescência esteve continuamente a ler e a escrever no moto próprio dos perfeccionistas: concebe, escreve, guarda, relê, destrói ou reescreve; concebe, escreve... num trabalho de criação e aperfeiçoamento infindo.<sup>6</sup> O que se pode detectar desde 1984, início de seu ofício de dramaturgo, é que não segue uma progressão determinada. Algumas obras possuem uma linguagem inovadora e tal força dramática, que certamente vai-se aprimorando e revelando-lhe o talento com o exercício da produção posterior, embora sem a experiência do palco. Ao cabo, uma obra que pode e deve colocá-lo entre os grandes escritores dos últimos decênios do século XX.

Pena que se tenha interrompido, sem ter-se dado tempo de mais e cada vez melhor produzir. Assim, com esse acervo quase todo inédito de vinte textos para teatro, uma série para televisão, a literatura infantil e também sua produção lírica, certamente já é um nome a ser revivido, editado, lido, encenado e definitivamente, incluído, não apenas História da Dramaturgia, mas também dentre os grandes nomes da poesia lusitana.

Amou? Mulheres? Homens? Viveu? “Ficcionou”? Não importa, o que vale é a qualidade do texto que Miguel Rovisco, dramaturgo em essência, poeta em vivência, nos deixou.

---

<sup>6</sup>Em seus escritos, o autor afirma ter recuperado, em algumas peças, muitas ideias de textos já destruídos, mas guardadas na memória.

## REFERÊNCIAS

Jesus, Virgínia Maria Antunes de (2002). *Miguel Rovisco: Biobibliografia*. Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa: Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. (2008). *Miguel Rovisco: O Teatro da História*. Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa: Universidade de São Paulo.

ROVISCO, Miguel. *A Felicidade do Jovem Luciano*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *A Historia de Tobias*. Lisboa: Rolim, 1989

\_\_\_\_\_. *A Lua Desconhecida*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *Casamento e Morte*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *Cobardias*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *Eurico, o Presbítero*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *Mulheres Infelizes*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *O Ano de 1641*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *O Arco de Sant'Ana*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *Os Velhos e Mefistófoles*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *Quatro Entremezes e Dois Dramas Breves*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *Retrato de Uma Família Portuguesa*. Lisboa: Rolim, 1989

\_\_\_\_\_. *Romance de Poesia*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *Trilogia do heróis*. Fotocópia do original do autor.

\_\_\_\_\_. *Trilogia Portuguesa*. Lisboa: Rolim, 1989

\_\_\_\_\_. *Uma Comédia de Quinhentos*. Fotocópia do original do autor.

Artigo originalmente publicado na revista FORMA BREVE 7 (Universidade de Aveiro) sob o tema "Homografias. Literatura e homoerotismo",